



VALORES E PRINCÍPIOS RELIGIOSOS DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA / UNILA

Religious values and principles of Social Service students at the Federal University of Latin American Integration / UNILA

Patrícia Vicente Dutra*
Defensoria Pública do Estado do Paraná
Cláudia Neves da Silva**
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
DOI: 10.29327/256659.15.2-6

RESUMO:

O texto que se apresenta tem como objetivo trabalhar a temática da religião e religiosidade dos/das estudantes de serviço social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana / UNILA, construir um perfil destes estudantes e demonstrar como valores e princípios religiosos os influenciou na escolha do curso e influencia suas análises sobre temas emergentes relacionados aos direitos humanos. Para o cumprimento destes objetivos foram aplicados questionários e realizada uma revisão de literatura. O resultado da pesquisa nos mostrou que muitas pessoas escolhem o curso de serviço social influenciadas por valores e princípios e religiosos, pela ideia da caridade e da ajuda. Em que pese este resultado, importa que ao longo do processo formativo há uma significativa queda no sentido atribuído aos valores e princípios religiosos ao longo do processo formativo. Além disso, os/as estudantes demonstraram conseguir refletir sobre a temática dos direitos humanos para além de concepções conservadoras e religiosas, mas a partir de um movimento de busca reflexiva com base no proposto pelo Projeto ético-político profissional.

Palavras-chave: Estudantes de Serviço Social; Laicidade; Universidade; Valores e Princípios Religiosos.

* Doutora em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil (UEL). Assistente Social da Defensoria Pública do Estado do Paraná, Brasil. E-mail: patriciavicentedutra@gmail.com.

** Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora Titular da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: claudianeveess@uel.br.

INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de graduação, observamos no cotidiano do processo de formação a questão da religião e religiosidade dentro de sala de aula, se manifestando em conflitos durante aulas com fundamentação na teoria social marxista. Nos primeiros anos, disciplinas com conteúdo que traziam à tona a crítica à marca da Igreja Católica na gênese da profissão – e, posteriormente, todo o processo do movimento de reconceituação – foram interpretadas por alguns estudantes como tentativas individuais de professores de os afastarem de sua igreja ou doutrina.

Ao final do ano de 2010, quando da inserção no campo de estágio, marcando o início de um contato cotidiano com assistentes sociais fora da academia, a relação entre religião e religiosidade atrelada ao trabalho desses profissionais tornou-se objeto de inquietação. Tal inquietação deveu-se ao fato da percepção de valores e princípios religiosos no discurso e no fazer profissional utilizados como recurso, às vezes instrumento e justificativa para o fazer profissional.

Daí em diante esta pesquisadora seguiu atuando no projeto de pesquisa “motivações que levam homens e mulheres a adentrarem às portas do templo de uma Igreja Pentecostal”, do departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Estes estudos tiveram início no primeiro ano do curso de graduação em Serviço Social, no ano de 2009. As reflexões resultantes de tal atuação de pesquisa tornaram-se substratos teóricos para a construção do trabalho de conclusão de curso “Religião, religiosidade e Serviço Social: um estudo sobre a presença da religião e religiosidade na prática profissional de assistentes sociais”, defendido em 2012.

A revisão teórica e os dados de análise demonstraram que a fé era um recurso que os profissionais usavam no desenvolvimento do trabalho e que a religião aparecia como um ranço da gênese do Serviço Social brasileiro, levando adiante pensamentos e práticas com características assistencialistas e moralistas.

Em 2017, esta inquietação evoluiu para a dissertação de mestrado “Manifestações sociorreligiosas de Assistentes sociais e suas repercussões imediatas nas práticas laborais do tempo presente ao Oeste do Paraná”, defendida em 2017 no programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Toledo, vinculada à linha de pesquisa Fundamentos do Serviço Social e do Trabalho do Assistente Social.

A dissertação de mestrado mostrou que, entre outras coisas, a religião e a religiosidade estavam postas como elementos de formação e desenvolvimento dos indivíduos, elementos postos como constitutivos da vida em sociedade. Os dados obtidos com a pesquisa empírica deram conta de revelar que o cotidiano profissional, com todas as suas contradições, traz aos profissionais um sentimento de carência que eles buscam suprir na religião; buscam na fé em algo ou alguém superior respostas às mazelas com as quais lidam cotidianamente. A religião ainda apareceu como um importante elemento na decisão da escolha do curso de Serviço Social, reafirmando a imagem social da caridade presente na área. Inclusive, este é um dado que merece ser mais bem estudado e aprofundado com pesquisas acadêmicas.

A experiência docente em nível de graduação em uma instituição privada no ano de 2016 também mostrou que a escolha de jovens estudantes pela carreira de assistente social, além de carregar pontos objetivos, como o valor do curso e a disponibilidade no município de residência, carregava o elemento religioso.

Assim, é possível compreender que a temática que se propõe no presente artigo é evidente e necessária. É notória a pouca produção bibliográfica, se comparada a outros temas, o que também justifica a importância de continuidade desta proposta.

De modo geral, perguntamos de que maneira princípios e valores religiosos induzem ou determinam a leitura de realidade de estudantes de Serviço Social. Especificamente da Universidade Federal de Integração Latino-Americana. Religião e religiosidade que expressam conservadorismo religioso, valores que estão em disputa com o Projeto Ético Político. Neste sentido, o conservadorismo aparece como mediação para demonstrar o resultado apresentado, e por objetivo analisar a religiosidade de estudantes de Serviço Social da UNILA. A religiosidade enquanto objeto de análise nos possibilitou verificar que a existência de valores e princípios religiosos em estudantes de Serviço Social pode persuadir a análise da realidade nos diferentes âmbitos da vida em sociedade.

A pesquisa foi realizada com os/as estudantes do curso de graduação em Serviço Social da UNILA, criada pela Lei nº 12.189/2010, é um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, localizada no extremo-oeste do Paraná, na Região trinacional formada por Argentina, Brasil e Paraguai, sendo o principal polo de desenvolvimento econômico na região.

No que se refere a coleta de dados empíricos, foram aplicados questionários aos/as estudantes do curso de graduação em Serviço Social da UNILA. Os questionários físicos que foram aplicados estão arquivados em *nuvem on-line*. Para a sistematização dos dados, os questionários foram inseridos no *Google Forms*, o que possibilitou a junção dos dados de todos os questionários em um único lugar.

A aproximação com o campo e com os sujeitos da pesquisa aconteceu sem dificuldades, isso porque a pesquisadora em tela atuou profissionalmente no município de Foz do Iguaçu – PR, onde está localizada a UNILA, por quase cinco anos. Foi membro da Coordenadoria do coletivo “Encontros pela Diversidade”, que está ligado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), da UNILA, e ao Instituto MERCOSUL de Estudos Avançados (IMEA-UNILA) também como um projeto de extensão. Esta pesquisadora participou de eventos, entrevistas e workshops realizados pelo Curso de Serviço Social da UNILA como convidada.

Investigações científicas, como por exemplo, as de Quintão (2012), Santana (2010), Silva, Dutra, *et al.* (2016), Souza (2016), Simões Neto (2005), Kobayasi (2012), Dutra (2012; 2017), revelaram que não raro os profissionais de Serviço Social se socorrem em seus valores religiosos no exercício profissional com a finalidade de dar respostas às expressões da “questão social” com que lidam, colocando tais valores e convicções religiosas como um instrumento profissional que julgam ser capaz de dar as respostas que os instrumentos técnicos disponíveis e o conhecimento adquirido na formação profissional não estariam sendo capazes de dar.

As convicções religiosas também são utilizadas pelos profissionais no auxílio à análise e posicionamento de matérias que carregam polêmica e controvérsia, como, por exemplo, a descriminalização do aborto, redução da maioria penal, eutanásia, questões ligadas aos direitos da população LGBT, raça e etnia, violência contra a mulher, entre tantas outras.

Por isso, ousamos dizer que nesta categoria profissional encontra-se uma parcela de profissionais que exerce sua profissão também à luz de valores e princípios religiosos em detrimento do aparato teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo. De acordo com Silva, Dutra, *et. al.* (2016, p. 432):

A partir de dados coletados, ficou evidente que o aparato profissional oriundo da formação em Serviço Social, assim como os instrumentos e técnicas, que conformam a prática profissional, sugere ser insuficientes para o enfrentamento das questões que se mostram no cotidiano institucional. Apresentou-se a necessidade de uma crença em alguma coisa, alguém, talvez não com o nome e a cara de Jesus Cristo, ou de qualquer outro deus, mas algo que possua uma dimensão e o poder que a humanidade e os aparatos humanos e sociais não oferecem.

Fato é que todos aqueles que são profissionais hoje passaram por um processo de formação profissional, que, no Brasil, se expressa na organização de entidades como a ABEPSS, ENESSO, CFESS e os CRESS; formação orientada para um perfil profissional com "... capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para à apreensão teórico-crítica do processo histórico como totalidade" (ABEPSS, 1996, p. 02-03).

PERFIL DOS/DAS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNILA

A estrutura do questionário trouxe questões abertas, permitindo que os/as estudantes respondessem a algumas questões do seu modo. Foi feito desta forma em atenção à diversidade presente no curso e na Universidade, em atenção aos modos de falar e de auto identificação de cada estudante, afinal não é a realidade que deve se enquadrar aos instrumentos, mas os instrumentos é que precisam dar conta da realidade. Com isso, a tabulação dos dados considerou as respostas da forma como elas foram dadas pelos/as estudantes.

A média de idade dos/das estudantes é de 28,9. Dos 86 questionários respondidos, 53% foram de pessoas do gênero feminino, 1,2% f, 17,4% de pessoas do gênero masculino, 1,2% de pessoa cisgênera feminina, 15,1% de pessoas hétero, 1,2 de pessoa cis, 3,5% de mulheres e 1,2% de homem.

Se considerarmos feminino, f, cisgênero feminino e mulher como pessoas do sexo feminino temos um total de 65,11% de estudantes mulheres. Se considerarmos homem e masculino como pessoas do sexo masculino, temos um total de 18,60% de estudantes homens.

Dados de pesquisas de Simões Neto (2009, 2005), que apresentam o perfil tanto de estudantes, quanto de profissionais de Serviço Social, revelam a continuidade da histórica supremacia feminina nesta categoria profissional. De acordo com Simões (2005, p. 14), em relação à dimensão de gênero da profissão de Serviço Social, pesquisas evidenciam que no

“Brasil, desde o final dos anos de 1960, e independente da região do país considerada, aproximadamente 95% dos profissionais são mulheres”. Além disso, o autor menciona que “nos países em que essa é uma característica forte, como no Brasil, a hegemonia feminina parece atuar na profissão de forma atemporal, ou seja, faz parte da história do Serviço Social, desde sua origem até os dias atuais” (SIMÕES, 2005, p. 14 - 15).

A pesquisa sobre o perfil profissional dos profissionais de Serviço Social elaborada pelo CFESS (2006), que traz dados de todo o Brasil, mostrou a marca feminina desta profissão ao revelar que 97% dos profissionais inscritos nos CRESS são do gênero feminino. No mesmo sentido, Simões (2009) acerca da pesquisa com estudantes de Serviço Social de Universidades do Rio de Janeiro, indicou que em 1999 o percentual feminino ultrapassava os 93%, de 2006 a 2007 esse dado permanece, com pouquíssima diminuição em duas das seis universidades pesquisadas pelo autor. O curso de Serviço Social é o que apresenta o maior percentual de mulheres do Brasil, ou seja, em comparação com os demais cursos de nível superior (Beltrão e Teixeira, 2004).

Este resultado, não é sem razão, está intimamente relacionado com a imagem social que esta profissão carrega historicamente desde as prefigurações do Serviço Social, qual seja a de uma mulher religiosa disposta a atuar na oferta de ajuda aos mais necessitados, há aí uma relação formada pela “boazinha”, de um lado e pobres, do outro. Esta relação evidencia o cerne do assistencialismo, prática de caridade religiosa que oferece auxílio aos pobres e desvalidos. Os atributos do cuidado, da ajuda e do auxílio foram socialmente empregados às pessoas do gênero feminino, firmando a ideia de que é a mulher quem cuida e quem ajuda, enquanto ao homem fora designada a vida pública (Iamamoto, 2008).

Em relação à pertença étnico-racial os dados da pesquisa nos deram o resultado de 36% de pessoas brancas, 23% de pessoas pardas, 7% de indígenas, 7% de mestiços, 1% de pessoa amarela, 2,3% de pessoas “morenas” 7% de pessoas negras, 3,5% de pessoas “mestiças/indígenas”, 1% de pessoa “preta/negra”, 7% de pessoas pretas e 1% de indígena Tikuna. Ainda, 1,2% de pessoa que respondeu “não sei opinar”, 1,2% de pessoa que respondeu “importante” e 1,2% de pessoa que não respondeu a pergunta.

Pois bem, se considerarmos que preto, preta/negra e negra se referem à mesma coisa, temos 38,37% de estudantes que se declaram pretos. Se considerarmos indígena e indígena tikuna como indígena, temos um total de 8,13% de estudantes indígenas. Se considerarmos que morena e parda se referem à parda, temos 25,58% de estudantes autodeclarados pardos.

Os dados sobre a pertença étnico-racial dos/das estudantes revelaram um número expressivo de estudantes indígenas, o que demonstra um avanço no acesso e permanência desse segmento na universidade. Além disso, na análise unificada dos dados, a maioria dos/das estudantes é negro/a, o que aponta para mais um importante avanço no acesso e permanência de pessoas negras na universidade brasileira.

De acordo com Luciano e Amaral (2021), atualmente o Brasil expressa um importante panorama no que diz respeito ao ingresso de indígenas no ensino superior. Os autores apontam que em 2018 o Brasil tinha mais de 57 mil indígenas no ensino superior, entre instituições de ensino superior públicas e privadas. Tal panorama contou com a implementação da Lei de Cotas - Lei 12.711/2012 - e com políticas afirmativas destinadas aos povos indígenas exercidas por Universidades.

A UNILA têm 7.097 estudantes com vínculo, de 39 nacionalidades diferentes. O curso de serviço social tem 278 estudantes vinculados, destes 47 são pretos (dos quais 15 recebem auxílio estudantil), 04 são amarelos, 118 são brancos, 12 são indígenas (dos quais 07 recebem auxílio estudantil), 75 pardos e 22 não declarados (UNILA, 2022).

Essa variedade encontrada na observância dos dados coletados pela aplicação do questionário fica ainda mais indiscutível pela incontestabilidade ao analisarmos as nacionalidades dos/das estudantes, são nove nacionalidades diferentes apenas entre 86 estudantes que responderam ao questionário:

Portanto, sobre a nacionalidade dos/das estudantes, os dados mostraram que 62,8% é brasileira. Já no caso das outras nacionalidades 3,5% são haitiana, 16% colombiana, 1,2% venezuelana, 7% paraguaia, 1,2% boliviana, 2,3% chilena, 1,2% salvadorenha e 5,8% peruana.

O perfil de nacionalidade e conseqüentemente das línguas maternas dos/das estudantes retrata um dos pilares da UNILA que é integração latino-americana. Os questionários mostraram que 53% dos/das estudantes tem a língua portuguesa como primeiro idioma, 34% responderam que seu idioma materno é o espanhol, 2% crioulo, 1,2% guarani, 4,7% informaram que sua primeira língua é o idioma tikuna, 2,3% francês e 1,2% crioulo/francês

Os/as estudantes de Serviço Social da UNILA também responderam sobre o tema da assistência estudantil. Dos 86 questionários aplicados, foi possível observar que em

48,8% deles a afirmação é de que os/as estudantes recebem subsídio financeiro alimentação, 33,7% recebem subsídio financeiro moradia, 29,1% recebem auxílio transporte, 10,5% são beneficiadas com o auxílio dignidade menstrual, 7% com o alojamento estudantil, 2,3% com auxílio creche e 2,3% com Programa de Apoio Financeiro ao Desenvolvimento Acadêmico dos/das Estudantes com Deficiência - PADA PcD.¹

Inclusive, os dados sobre esse tema também mostraram que 44,18% dos/das estudantes são beneficiados com mais de um auxílio estudantil. São 16,27% dos/das estudantes que acumulam dois auxílios, 22,09% acumulam três, 4,65% quatro e 1,16% é beneficiado com cinco auxílios. Estes dados demonstram que a origem popular dos/das estudantes de Serviço Social também é uma característica presente, identificada em outras pesquisas sobre o mesmo tema.

Daqui para frente vamos apresentar os dados referentes às religiosidades dos/das estudantes de serviço social da UNILA. Uma olhada rápida já revela o processo de sincretismo religioso, vinte e uma respostas diferentes foram dadas, algumas são afins - ou seja, se trata da mesma religião, mas dito ao modo do estudante que respondeu - isto em consideração aos dados da realidade que demonstram o trânsito religioso no Brasil e à múltipla pertença religiosa para um mesmo indivíduo.

Assim, sobre a pertença religiosa dos/das estudantes 30,2% deles afirmou não ter religião, a mesma quantidade afirmou ser católica, 9,3% evangélica, 5,8% cristão, Igreja do nome de Jesus, Batista, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Umbanda, Candomblé, espírita, protestante, testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo Dia, Cristão/Protestante, Livre pensador, Livre pensamento, Católica/Espírita, Católica/Umbanda, Católica/Candomblé. 1,2% não responderam e 1,2% responderam crentes. Um estudante respondeu “nordeste”, acreditamos que ele possa ter lido “região” ao invés de “religião”, mesmo que o contexto do questionário fosse sobre religião.

Com essa variedade de respostas tentamos uni-las por afinidade com o intuito de obter uma visão mais geral sobre as religiões dos/das estudantes. Os dados demonstram uma diversidade religiosa importante, mesmo naquelas religiões em que o número de estudantes é menor, pois nos mostram o retrato da relação destes estudantes com as diferentes expressões religiosas.

¹ O Programa de Apoio Financeiro ao Desenvolvimento Acadêmico de Estudantes com Deficiência da Universidade Federal de Integração Latino-Americana tem o objetivo de majorar as formas pelas quais os discentes com deficiência que cursam os diversos cursos de graduação possam permanecer na Universidade, isso é feito pela concessão de recursos financeiros.

Dentre os/as estudantes que afirmaram ter alguma pertença religiosa, mais da metade deles, 58,1% informaram que não frequentam o espaço religioso referente à sua pertença, 39,9% afirmaram frequentar e 2,3% optaram por não responder à pergunta. Perguntados, portanto, sobre a frequência aos seus espaços religiosos 2,3% dos/as estudantes não apresentou resposta, 18,6% afirmaram ter frequência semanal, 4,7% quinzenal, 5,8% mensal 1,2% anual e 39,5% afirmou ir ao seu espaço religioso esporadicamente.

É considerável o número de estudantes que tem frequência em algum espaço religioso, o que demonstra que o exercício institucional de suas crenças faz parte da organização cotidiana. Além disso, como as instituições religiosas manifestam seus posicionamentos sobre os mais diversos assuntos da sociedade, certamente o/a estudante que frequenta um espaço religioso é atingido de alguma forma pelos posicionamentos da instituição que frequenta.

Dado digno de atenção e inegável expressão da realidade e do comportamento religioso destes estudantes, que não foge ao registro de bibliografias que versam sobre o tema aqui estudado, diz respeito aos/as estudantes que afirmaram não ter religião e/ou não frequentar seu espaço religioso, mas assinalaram alguma frequência na pergunta posterior. Ou seja, o estudante afirmou não ir a nenhuma igreja e em seguida afirmou que vai esporadicamente. Assim, 66,66%, em relação ao total de 86 estudantes, responderam ao questionário da forma narrada, se refere a estudantes católicos e 33,33% a estudantes cristão, evangélicos e crentes.

De modo geral e popular, os 66,66% de católicos referem-se aos “católicos não-praticantes”, não se trata de um segmento oficial da Igreja Católica, mas sim aquelas pessoas que certamente foram batizadas e casaram-se nesta Igreja, por exemplo, sem contudo, praticarem esta religião de forma integral como teria estabelecido a instituição Igreja Católica. Além disso, pode se referir também a pessoas que simpatizam com outras denominações religiosas, como vimos, por exemplo, o caso do “católico/espírita e católico/umbanda”.

É incontestável que as experiências vivenciadas pelas pessoas que têm alguma religião e transitam pelas diversas religiões demonstram alterações nas fases da vida e que não necessariamente o pertencimento religioso diga respeito unicamente a uma única igreja, mas contêm elementos que extrapolam a religião enquanto instituição. Tais elementos podem se referir diretamente à fé e às experiências pessoais de cada pessoa.

Neste caminho, aproximando um pouco mais o assunto da religião com a escolha do curso de serviço social, 43% dos/das estudantes afirmaram que sua religião ou crença não ajudou a decidir cursar Serviço Social, enquanto 23,3% afirmou que sua religião ou crença ajudou nesta decisão. 23,3% dos/das estudantes informaram que esta pergunta não se aplica à sua realidade, ou seja, se refere aos/as estudantes que por não terem denominação religiosa não constituem a referida ajuda como possibilidade.

Dualidade nas respostas não deixou de se fazer presente nesta pergunta em que 3,5% dos/das estudantes responderam “não/não se aplica”, o que pode significar que ainda que não tenha religião, a crença ou fé possa ter ajudado, ou o contrário, que tendo religião não considera influência para tal decisão. Esses dados mostram que a religião tem lugar importante na vida destes estudantes e que ela imprime algum sentido, em maior ou menor medida, para suas existências e exercício da vida cotidiana. Demonstram que a religião traz algum sentido ou norte para as pessoas. Já 7% dos/das estudantes não responderam a esta pergunta.

Esta comparação evidencia que, certamente, a histórica imagem social da profissão ainda persiste, de modo que considerável número de pessoas ainda busca esta profissão por algum grau de influência religiosa, que no campo desta profissão equivale a ideia da filantropia, da caridade e da ajuda aos pobres. Mas há que destacar justamente a queda deste sentido ao longo do curso. O que pode significar que a formação profissional reconstruiu, em alguma medida, a ideia destes estudantes.

Aqui nós temos um resultado que nos mostra conquistas e perspectivas para os rumos de nossa profissão. E cabe uma comparação crítica. Em anos de pesquisa sobre este tema com profissionais e estudantes de Serviço Social, nunca tivemos um resultado tão positivo como esse.

Ainda em relação à questão sobre se a religião motivou a escolha do curso de Serviço Social, trazemos as respostas relacionadas com os grandes grupos de religiões. Deste modo, no caso dos/das estudantes do grande grupo “católico” (que inclui católico, católico/espírita e católico/candomblé) 64,3% responderam negativamente, 14,3% responderam que tal pergunta não se aplica a seu caso, 3,6% indicou “não/não se aplica”, 17,9% afirmou que sim, que sua religião/crença - neste caso o grupo católico - o ajudou a decidir cursar serviço social.

Em relação ao grande grupo de religiões de matriz africana (umbanda, candomblé e umbanda/candomblé), 25,0% responderam que sua religião/crença não lhe ajudou a tomar decisão de cursar serviço social, enquanto 50,0% responderam que sim e 25,0% responderam “não/não se aplica”.

Já entre o grande grupo dos evangélicos tradicionais (testemunha de Jeová, Adventista do sétimo dia, Batista, Igreja do nome de Jesus, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias, cristão, cristão/protestante, crente, evangélica, evangélica/cristão e protestante), 45,5% dos/das estudantes afirmaram que sua crença/religião ajudou a escolher esta profissão, 36,4% responderam que não, 18,2% responderam que a pergunta não se aplica a seu caso.

Com isso, vimos que os/as estudantes do grupo de religiões de matriz africana e evangélicos tradicionais são os que mais atribuem sentido a esta ideia, foram os que mais contaram com sua religião/crença para a tomada de decisão sobre que profissão escolher. Ao que parece, o elemento decisivo neste caso foi a religião/crença.

Importa destacar que o conservadorismo não é exclusividade de pessoas que professam alguma fé, assim como não é exclusividade do Serviço Social. É necessário fazer essa colocação para evitar estereótipos em relação às pessoas que declaram ter alguma religião e para evitar entendimentos que possam não ter relação com a realidade. O conservadorismo encontra muita semelhança com o comportamento dos cidadãos brasileiros, por exemplo. Isso significa que expressões conservadoras são vistas dentro e fora da academia, entre pessoas que se dizem sem religião e entre aquelas declaradamente religiosas e dentro da política. Em nossa pesquisa temos estudantes de diversos países, o lugar da religião que faz com que o conservadorismo permaneça, tanto no Serviço Social quanto no Brasil.

No Brasil, até o ano de 1890 a religião oficial era a Católica, a desunião destes entes ocorreu logo após a Proclamação da República, quando o Governo Provisório publicou o Decreto 119-A:

Art. 1º E' prohibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, entre os habitantes do paiz, ou nos serviços sustentados á custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões philosophicas ou religiosas.

Art. 2º a todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos parti-

culares ou públicos, que interessem o exercício deste decreto (Silva; Lanza, 2019, p. 106-107).

Cabe aqui reflexão sobre a laicidade do Estado. Estado Laico não é Estado ateu. Ateu é aquele que não acredita em divindades. Ao Estado não cabe a performance de crer ou não. O Estado é laico. O caráter laico envolve o desmembramento entre o Estado e a Igreja e o dever do Estado em relação à liberdade e a proteção de crença. Além disso, a laicidade do Estado significa também a garantia de que o Estado não pode obrigar a pessoa exercer qualquer religião ou religiosidade, do mesmo modo, ainda, o próprio Estado tem na laicidade garantia de autonomia em relação à religião; ou seja, o Estado não acredita ou desacredita em Deus, tampouco professa esta ou aquela fé.

Ao Estado cabe a garantia da liberdade de crença para que crentes ou descrentes, assim como os adeptos desta ou daquela religião possam desfrutar do direito de exercer o pensamento, a consciência e a religião de acordo com suas convicções.

José Paulo Netto, ao comentar o livro de Simões Neto (2005) indica a importância e relevância da religião como tema de pesquisa no Serviço Social:

A análise do Serviço Social, enquanto prática profissional, não pode marginalizar o estudo do universo ideocultural que parametra, em maior ou menor medida, o desempenho do sujeito técnico – vale dizer do assistente social. Neste universo, a esfera da religiosidade (ou, menos frequentemente, da superação da carência religiosa) constitui componente ineliminável (Netto, 2015 in: Simões, 2005).

A socióloga Maria Alice Resende de Carvalho, ao tecer comentários sobre a mesma obra citada no parágrafo anterior, aponta a essencialidade dos estudos e pesquisas relacionados ao tema da religião, religiosidade e Serviço Social:

Há vínculos inextricáveis entre a temática religiosa e o Serviço Social; a qualificação profissional do Assistente Social permanece em segundo plano, quando se trata de uma relação pautada no desejo de ajudar ao próximo, mobilizamos valores, mais do que conhecimentos técnicos; a de que a formação das novas gerações de profissionais tem incidido na reiteração desse quadro, malgrado o fato de que intelectuais qualificados do Serviço Social brasileiro privilegiam a construção de valores políticos e cívicos em detrimento de religiosos; e a de que noções como reconhecimento e identidade cultural, presentes na agenda crítica da modernidade, deverão ser incorporadas pela assistência social contemporânea, dadas as exigências postas pela clientela atendida (Carvalho, 2015 in: Simões Neto, 2005).

A Assistente Social e pesquisadora Paula Bonfim (2015), por sua vez, analisa que:

As particularidades da nossa formação social, com sua tendência ao conservadorismo moral e o peso das relações sociais reificadas, reatualizam práticas conservadoras no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais, tensionando o projeto ético-político da categoria. Os profissionais de serviço social trazem consigo valores de nossa formação sócio-histórica e que, muitas vezes, vão de encontro aos princípios ético norteadores da profissão. Além da peculiaridade da nossa formação, a sociabilidade do capital repõe e aprofunda valores que se confrontam com o projeto profissional dos assistentes sociais (Bonfim, 2015, p. XVI).

O questionário aplicado aos/as estudantes continha um espaço aberto ao final para que eles manifestassem sugestões. Dos 86 questionários, 23 apresentaram algum conteúdo neste espaço, os mais relevantes serão apresentados aqui.

Alguns comentários trouxeram à vista algo da relação do estudante com sua fé, religiosidade, crença e Deus numa tentativa de expressar certo equilíbrio desta relação com tendência crítica sobre aspectos da vida social e da formação profissional. Os comentários expressam grau de influência religiosa em relação à formação profissional. Também expressam a tendência que diz respeito ao crescimento de pessoas que acreditam em Deus, no entanto, não se vinculam ou se desvinculam do exercício da religiosidade ligado à igreja enquanto instituição. As pessoas buscam ser crentes à sua maneira, da forma como acreditam que terão um bem estar em relação a isso, de acordo com o que é possível perceber nos comentários que seguem:

Acredito em Deus, mas não pratico minha fé nem minha religiosidade.

Minha relação com a religião é complicada já que discordo de muitas coisas, no entanto mantenho minha crença da minha maneira.

Mesmo católico, isso não impede o meu olhar crítico dessa religião, destacando a história universal a religião tem um grande peso na história da alienação do mundo.

Creio que “religião”, no meu entendimento remete a uma doutrina algo que na minha compreensão não abarca na pesquisa, que está mais relacionado à religiosidade ou a aproximação ou práticas de preceitos religiosos, algo que tem crescido

Em outros comentários, os/as estudantes afirmam sua religiosidade e tentam explicitar que, apesar de terem crença e religião, não recaem sobre eles tamanha influência nos

aspectos de suas decisões e definições tanto em relação à formação profissional quanto em relação às questões da vida em sociedade. Isso pode ser observado pelo uso da conjunção “mas” e da palavra “não”, que expressam negativa enfática e denotam restrição ao que foi dito na mesma frase. Esta situação pode ser vista em pelo menos três comentários que dizem que:

A religião/crença é algo que nos agrega, mas não nos define.

A religião não influencia muito nas decisões das pessoas.

Deus é o centro da minha vida. Mas, minhas decisões não são baseadas na minha fé; porém, me ajudou de alguma forma a me identificar com o curso.

Podemos dizer que o/a estudante de Serviço Social passa por uma transformação importante em relação às suas crenças e ao modo como entende a sociedade. Tal transformação também leva os/as estudantes a compreenderem que o trabalho do assistente social recai diretamente sobre as mais diversas expressões da “questão social” de diversos segmentos populacionais, como é o caso dos indígenas. Por isso, dois estudantes da UNILA contaram que:

Eu me considerava católica quando ingressei no curso, hoje porém, não pertenço a nenhuma religião.

Acredito que como indígena tikuna vou ser uma pessoa que irá contribuir muito na questão social dentro da minha aldeia

Sobre as declarações dos/das estudantes que disseram não ter religião, é importante se atentar ao indicado por Mariz (2012) sobre a suspeita de que, em atenção ao papel das igrejas pentecostais, o sem religião pode ser a pessoa que deixou de frequentar as atividades da igreja, que deixou de praticar sua religião. No caso dos católicos, seriam os “católicos não praticantes”.

O aspecto da profissionalização da ajuda também pode ser observado nos comentários dos questionários, tal aspecto não passa longe de dados da realidade que demonstram que muitas mulheres evangélicas procuram o curso de Serviço Social a fim de parâmentar práticas de ajuda e caridade junto à comunidade religiosa, porque:

Es muy importante para nosotros saber el modo de trabajar con nuestra sociedad cristiana y cómo podemos contribuir con ellos.

Observamos que a religião é uma das dimensões mais importantes da vida dos entrevistados e que está intimamente ligada a decisão pela escolha desta profissão, principalmente por afinidade com valores historicamente empregados ao Serviço Social, que foram reformulados por esta categoria profissional na direção da defesa dos direitos humanos. A religião está presente na sociedade, ela também sofre transformações a partir do cenário social que se dá a cada tempo histórico. Ainda que a modernidade tenha oferecido à humanidade respostas de cunho científico e altamente tecnológico, algumas respostas ainda são dadas pela religião. Algumas angústias, medos e necessidade de estar em lugar onde se sente bem, são situações e sensações que as pessoas ainda buscam nas religiões.

Com isso, é imperioso afirmar que à formação profissional dos futuros assistentes sociais se integra uma série de conflitos advindos de valores e princípios religiosos. Ainda que não intencional, os/as estudantes não saíram do lugar em que são envolvidos pela cultura religiosa quando ou porque ingressaram no curso. Se choca também com o código de ética profissional e com a premissa de que vivemos em um Estado laico, cuja formação profissional também é laica, e que a religião é um direito humano previsto constitucionalmente.

Considerando o exposto até aqui, é chegado o momento de demarcar as relações entre algumas das principais conclusões encontradas e temáticas que cruzam na atualidade, esse universo de preocupações com as particularidades da “questão social” no Brasil a partir dos olhos dos/das estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escassez de material sobre religião e religiosidade e a pouca motivação das pesquisas realizadas pelo Serviço Social nesta área negligencia olhares e análise de tão importante temática. Mesmo que o Serviço Social tenha vivido a busca pela ruptura com práticas tradicionais à época do Movimento de Reconceituação, as cicatrizes conservadoras permanecem, como um lembrete de que o senso comum conhece esta profissão ainda pela forma de seu nascimento, como uma tecnificação da filantropia ordenada pela Igreja Católica.

Permanece vivo uma bem-sucedida qualidade daquilo que é conservador, que se irradia pela totalidade das dimensões da vida, lugar em que a profissão e a formação em Serviço Social também estão inseridas, testemunhando e vivendo um permanente choque

entre o projeto profissional preservado pela categoria, baseado na defesa intransigente dos direitos humanos, e o cenário de uma espécie de reciclagem do projeto conservador que se exhibe sem exclusão entre estudantes universitários/as.

Porém, o que marca o avanço de um determinado processo é justamente aquilo que se conseguiu romper. E os dados dos questionários nos mostraram em números que há uma queda na presença do sentido de valores religiosos entre os/as estudantes à medida que avançam na formação profissional.

A pluralidade religiosa encontrada nesta pesquisa se revelou em cada depoimento, cada um a sua maneira. Os/As entrevistados/as deram ênfase nos pontos que avaliaram mais importantes expressar em relação à sua religião, ou ausência dela. Também mostraram como a temática dos direitos humanos é pensada no campo da experiência pessoal e como é entendida no campo do direito, das políticas públicas, da formação e do exercício profissional. A variação aqui não se refere apenas aos países e línguas maternas destes/as estudantes, mas se refere também ao modo de pensar, refletir e se posicionar.

Vimos que alguns dos/das estudantes entrevistados desnudaram as ideias que tinham da profissão e do profissional antes do ingresso no processo de formação. Isso fez com que edificassem, sob novas bases, a compreensão sobre as inquietações ao longo da formação. Esse percurso permitiu que os/as estudantes afrouxassem um pouco a predominância de valores trazidos por sua formação religiosa e dessem espaço para a chegada de reflexões críticas.

Ainda que algumas declarações possam soar rasas ou incompletas, justamente por todos os motivos apontados (experiências pessoais, período no curso, etc...), é elogiável ver como os/as estudantes refletiram, pensaram e buscaram respostas para o tema desta pesquisa. Ainda mais plausível é a capacidade de percepção e correlação do tema e da atualidade brasileira com episódios importantíssimos, amplamente discutidos e que servem de referência para a análise social, como o caso de Marcelo Arruda e da menina grávida em decorrência de um estupro que teve o direito ao aborto negado.

Conquanto a imagem do Serviço Social para o senso comum ainda seja permeado por cicatriz gilvaz que oferece eco às pessoas que almejam a formação em Serviço Social assente em valores religiosos, a formação profissional é secularizada e laica.

Conforme Hervieu-Léger (1985, *apud* PINHEIRO, 2010), secularizar não é desaparecer. Podemos entender que secularizar não implica no esfacelamento da alteração entre a religião e racionalidade. Ainda assim, o valor desta análise para o nosso caso deve estar no fato de que o Serviço Social, protagonizado por sua vanguarda, se controverteu com os prefaciais religiosos quando do desenvolvimento da ruptura com o conservadorismo. A profissão avançou para a perspectiva de totalidade nos anos de 1980, enxergou a necessidade de novos aportes teóricos, se norteou com o projeto ético-político e repisou decisão pela racionalidade.

Para nós, parece “irresistível o movimento da racionalização e do desencantamento do mundo”. Porém, o sagrado se refaz, “sua disjunção com a religião institucional não fez desaparecer, e ressurgiu sob outras formas” (Hervieu-Léger, 2009, p. 12). É certo que na atualidade é possível verificar a presença de religiosidade entre os/as estudantes e uma leitura de sociedade pela lente religiosa. Porém, o campo acadêmico sobrepujou a inspiração da Doutrina Social da Igreja Católica no processo formativo desta profissão quando de sua gênese.

Por isso, devemos compreender de que não se trata se o Serviço Social é religioso, porque se trata de que o Serviço Social é constituído sobre bases conservadoras. É um processo da dialética do real, porém a questão é que a profissão construiu uma direção.

O Serviço Social se laicizou, a despeito do diálogo com a teoria social crítica, cujo alicerce está em Marx, além da edificação do Projeto Profissional, Projeto Ético-Político a partir da quebra em relação aos desígnios doutrinários e de intervenção da Doutrina Social da Igreja Católica.

Neste sentido, a despeito da trajetória do Serviço Social e de sua responsabilidade com o atendimento da legalidade de que a formação profissional deve ser laica, fundamentada em conhecimentos oriundos das ciências humanas, o processo de formação profissional, conforme demonstrado pelos dados da pesquisa, tem sido capaz de formar de acordo com a direção construída e expressa no projeto ético-político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEPSS – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. *Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social*. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.

AMARAL, Wagner Roberto do; LUCIANO, G. J. S. Povos indígenas e educação superior no Brasil e no Paraná: desafios e perspectivas. In: *Integración y Conocimiento*. Córdoba, v. 10, 2021. p. 13-37.

BELTRÃO, Kaisô Iwakami; TEIXEIRA, Moema De Pol. *O vermelho e o negro: Viés de cor e gênero nas carreiras universitárias*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2005. (Texto para Discussão, 19).

BONFIM, Paula. *Conservadorismo moral e serviço social: a particularidade da formação moral brasileira e sua influência no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

CFESS – CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. *Serviço social: valorize essa profissão!*. Brasília: CFESS, 2006.

DUTRA, Patrícia Vicente. *Manifestações sociorreligiosas dos Assistentes Sociais e suas repercussões imediatas nas práticas laborais do tempo presente ao oeste do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Toledo: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.

DUTRA, Patrícia Vicente. *Religião, Religiosidade e Serviço Social: um estudo sobre a presença da religião e da religiosidade na prática profissional do Serviço Social na atualidade*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

DUTRA, Patrícia Vicente. *Valores e princípios religiosos em estudantes de serviço social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana*. Tese (doutorado). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2023.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião: abordagens clássicas*. Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 25ª ed. São Paulo: Cortez; Lima, Peru: CELATS, 2008.

KOBAYASI, Susana. *Religião e Serviço Social: religião e religiosidade dos estudantes do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2016.

MARIZ, Cecilia Loreto. Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião [Entrevista cedida a] Thamiris Magalhães e Graziela Wolfart. In: *IHU on-line*. São Leopoldo, n. 400, agosto de 2012. Disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4591-cecilia-loreto-mariz#:~:text=No%20mundo%20pentecostal%20e%20protestante%2C%20apenas%20se%20deve%20se%20identificar,do%20universo%20do%20sem%20religi%C3%A3o>. Acesso em 24 de junho de 2023.

NETTO, José Paulo. *Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no pós-64*. 16^o ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEIRO, Lucí Faria. *Serviço Social, religião e movimentos sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Gramma, 2010.

QUINTÃO, Graziela Ferreira. *A questão religiosa no trabalho do assistente social: fragmentos de uma investigação na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Política Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

SANTANA, Juliana Aguiar. *Assistentes sociais e religião: um estudo sobre os impactos da religiosidade no exercício profissional do assistente social na contemporaneidade*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

SILVA, Claudia Neves; DUTRA, Patrícia Vicente; LANZA, Fabio. A Relação entre Manifestações Religiosas e o exercício profissional dos Assistentes Sociais: um estudo das contradições e possibilidades no Norte do Paraná. In: *Sociedade em Debate*, n. 22, v. 2, 2016. Disponível em <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/1420/944>. Acesso em 03 de março de 2023.

SILVA, Claudia Neves; LANZA, Fabio. A intolerância religiosa à brasileira: estudo de caso na cidade de Londrina/Paraná. In: *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. XXXVII, 2019. p. 97-118. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/6376>. Acesso em 05 de março de 2023.

SIMÕES NETO, José Pedro. *Assistentes sociais e religião: um estudo Brasil/Inglaterra*. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, Regiane Renata de; SILVA, Claudia Neves da. A religiosidade do assistente social. In: *Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas 2016, Paraná. Anais [...]*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016. p. 1679-1687.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. *Painel Integrado de Indicadores e Informações Institucionais*. Disponível em <https://portal.unila.edu.br/acessoainformacao/painel-integrado>. Acesso em 02 de março de 2023.

ABSTRACT:

The text presented aims to work on the theme of religion and religiosity of social service students at the Federal University of Latin American Integration / UNILA, build a profile of these students and demonstrate how religious values and principles influenced them in choosing the course and influences their analyzes of emerging themes related to human rights. To achieve these objectives, questionnaires were administered and a literature review was carried out. The results of the research showed us that many people choose the social work course influenced by religious values and

principles, the idea of charity and help. Despite this result, it is important that throughout the training process there is a significant drop in the meaning attributed to religious values and principles throughout the training process. Furthermore, the students demonstrated that they were able to reflect on the topic of human rights beyond conservative and religious conceptions, but based on a reflective search movement based on what is proposed by the professional ethical-political Project.

Keywords: Social work students; Secularism; University; Religious Values and Principles.

Recebido em 27/04/2024

Aprovado para publicação em 20/05/2024